

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

**PARA ALÉM DA ARQUITETURA MONUMENTAL: ÁGUA, MINERAÇÃO
SETECENTISTA E SABERES NEGROS NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM
DE OURO PRETO**

Eduardo Evangelista Ferreira (duevangelista@ufop.edu.br)

Este artigo analisa a paisagem cultural da Serra de Ouro Preto a partir da mineração aurífera setecentista e da água como matrizes estruturantes do território, propondo uma revisão crítica dos processos de patrimonialização que historicamente privilegiaram a monumentalidade arquitetônica em detrimento da leitura integrada da paisagem minerária e da agência das populações negras escravizadas. Sustenta-se a tese de que Ouro Preto constitui uma paisagem cultural minerária integral, resultante de um sistema técnico-territorial historicamente produzido pela interação entre mineração, manejo hídrico e urbanismo, cujas bases foram estabelecidas a partir da invasão colonial iniciada em 1698.

A mineração aurífera colonial promoveu profundas transformações ambientais e sociais na Serra de Ouro Preto, com reconfiguração do relevo, alteração dos sistemas hídricos e implantação de complexas infraestruturas de captação e condução de água. Esses processos foram operados majoritariamente por pessoas negras sequestradas de regiões africanas, em especial da Costa da Mina, portadoras de conhecimentos técnicos fundamentais para a mineração hidráulica. Tais contribuições, entretanto, foram sistematicamente invisibilizadas pelas narrativas coloniais e pelos discursos patrimoniais consolidados ao longo do século XX.

O artigo adota uma abordagem interdisciplinar, articulando fundamentos teóricos da paisagem cultural, da arqueologia da mineração, das epistemologias do Sul e dos estudos afro-diaspóricos, com análise territorial e leitura integrada dos sistemas hídricos históricos. Como recorte empírico, privilegia-se o trecho da Serra do Veloso e a região de Botafogo, área de elevada densidade arqueológica e relevância hídrica, caracterizada por mananciais estratégicos e por ser zona de recarga de aquífero responsável pelo abastecimento de mais da metade da população de Ouro Preto.

Além da análise histórica, o artigo examina os conflitos contemporâneos associados à mineração predatória no Botafogo, marcada por processos de licenciamento ambiental questionáveis, investigações por irregularidades e riscos elevados à segurança hídrica. Em contraponto a esse modelo extrativista, analisa-se a experiência da Mina Du Veloso, desenvolvida desde 2014, como estudo de caso de resignificação da paisagem cultural minerária. A iniciativa articula centralidade da ancestralidade negra, mediação crítica da paisagem, educação patrimonial afrocentrada, uso público responsável e turismo cultural de base territorial.

Conclui-se que a revisão da patrimonialização de Ouro Preto é condição fundamental para a construção de futuros sustentáveis, socialmente justos e ambientalmente responsáveis. Ao reconhecer a paisagem cultural minerária, hídrica e afro-diaspórica como eixo estruturante do território, o artigo contribui para os debates promovidos pela Cátedra UNESCO Patrimônio e Paisagem Cultural e para o avanço de políticas públicas integradas de preservação, gestão da água e desenvolvimento territorial.

Palavras-chave: paisagem cultural; ancestralidade afrodiaspórica; mineração aurífera; água; arqueologia da mineração; ouro preto; patrimonialização.